

## A LIBRAS EM UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO PELO GRUPO PORLIBRAS <sup>1</sup>

Jorge Bidarra ([jorge.bidarra@unioeste.br](mailto:jorge.bidarra@unioeste.br))

Leidiani da Silva Reis

Iara Iara Mikal Holland Olizaroski

Tania Aparecida Martins

Valdenir de Souza Pinheiro

Programa de Mestrado/Doutorado Letras/Linguística

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Campus de Cascavel

### 1. Introdução

Quer com vistas ao seu uso para fins de ensino-aprendizagem ou com um enfoque mais direcionado à descrição linguística de fenômenos que se manifestam na Libras, nosso grupo de estudos e pesquisas, PORLIBRAS/UNIOESTE, a partir do levantamento de publicações nacionais e internacionais, bem como de informações colhidas junto a fóruns de debates técnicos e científicos, vem trabalhando sobre um conjunto variado e complexo de questões envolvendo as línguas de sinais, algumas já abordadas fartamente pela literatura; outras, ainda em estágio bastante incipiente, especialmente no que se refere à Libras. As pesquisas que estamos desenvolvendo vêm nos apontando, dentre outras coisas, que muitas das questões linguísticas que para o Português já não constituem um problema, no caso da Libras, pouco ou quase nada se sabe a respeito, apesar dos avanços já obtidos. De todos os problemas que estamos enfrentando, um deles é sem dúvida o mais crítico: a falta de uma gramática formalizada da Libras. Com efeito, quantos de nós já não se perguntou como as sentenças na Libras se organizam? Quantos de nós não sabe precisar qual seria a motivação linguística que leva duas sentenças na Libras, aparentemente semelhantes, pelo menos de um ponto de vista lexical e semântico, a não seguirem o mesmo padrão de organização sintática de seus constituintes?

Ora, se o que se pretende é estudar o funcionamento de uma língua, seja ela oral ou de sinais, uma das primeiras questões a emergir é justamente esta. Não obstante isto, há na Libras muitas outras questões que, talvez, sejam ainda mais complexas, carecendo, portanto, de trabalhos que as possam elucidar. Reunindo um conjunto de dúvidas, trazemos para o presente debate alguns tópicos com os quais temos trabalhado, já há algum tempo. Nosso objetivo aqui não se limita apenas ao compartilhamento de alguns resultados já obtidos com as nossas

---

<sup>1</sup> BIDARRA, J.; REIS, L.S.; OLIZAROSKI, I.M.H.; MARTINS, T.A., & PINHEIRO, V.S. A LIBRAS EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICA, PESQUISAS EM DESENVOLVIMENTO PELO GRUPO PORLIBRAS. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

investigações, mas também e sobretudo convidá-los para, juntos, aderirmos a esta difícil empreitada, pois somente assim, acreditamos nós, estaremos fortalecendo, divulgando e consolidando a Libras não somente como um instrumento de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, tal como preconizado na Lei N. 10.436/2002, em seu Artigo 1º, mas também, de um modo muito especial, como uma área de estudos, ao mesmo tempo desafiador e promissor.

## **2. As pesquisas em desenvolvimento: o Contexto e suas Motivações**

Enquanto em alguns países muito já se tenha avançado em relação aos estudos linguísticos teóricos no campo das línguas de sinais, no Brasil, em relação à Libras, pode-se dizer que ainda estamos engatinhando. A falta, por exemplo, de uma descrição formal da gramática da Libras é uma situação que, tanto para o progresso dos estudos linguísticos, quanto para o desenvolvimento de metodologias voltadas para o ensino e a aprendizagem da língua, vem impondo aos pesquisadores, professores e alunos uma série de obstáculos. No nosso caso particular, dada a intenção de implementarmos um tradutor bilíngue automático, os problemas ocasionados com esta ausência têm nos colocado diante de um verdadeiro dilema: ou buscamos entender como certos fenômenos linguísticos se manifestam na Libras e assim, com base mais sólidas, damos sequência a nossa empreitada; ou, mesmo sem termos a certeza do que nos esperaria mais adiante, partimos de imediato para a implementação que tanto desejamos. Após estudos e debates no grupo, optamos seguir o caminho da investigação. Esta escolha foi de tal ordem importante, a ponto de nos fazer perceber que, diferentemente do que imaginávamos bem no início dos trabalhos, não havia um ou dois problemas para investigação, mas uma série deles, todos de alta complexidade. Resultado de muitas pesquisas e rodadas de discussão, do conjunto de problemas identificados, chegamos à conclusão de que os tópicos sobre os quais teríamos condições de trabalhar naquele momento seriam estes que aqui trazemos para discussão.

No bojo dos vários obstáculos encontrados durante qualquer processo tradutório, seguramente, um dos que se impõe aos estudiosos e projetistas, senão o mais importante deles, é garantir que um determinado sentido ressaltado por uma palavra em contexto na língua fonte encontra equivalência na língua destino, e vice-versa; afinal, como assevera Arrojo (2000), traduzir não se restringe a uma mera transferência de significados estáveis de uma língua para outra e tampouco, acrescentamos, algo que se estabeleça com base numa simples relação biunívoca entre palavras. Cruse (CROFT&CRUSE, 2004), em seus postulados, vai dizer que boa parte das complicações encontradas no processo é devida às chamadas divergências léxico-

semânticas, para ele, distribuídas em quatro grandes categorias semânticas: conceitual, ou seja, dado um conceito lexicalizado na língua-fonte, não existe correspondência para ele na língua-alvo; o que, em outros termos, seria o mesmo que dizer que tal conceito não faz parte do repertório de conceitos conhecidos pela comunidade de falantes da língua alvo; divergência denotativa - caso em que, para um dado conceito lexicalizado na língua fonte, encontram-se um ou mais conceitos aproximados na língua alvo; conotativa, uma situação bem parecida com a anterior, com a diferença de que, neste caso, os conceitos lexicalizados na língua alvo não carregam os matizes conotativos encontrados língua de partida; e, concluindo, a divergência pragmática, quando um dado conceito lexicalizado na língua fonte, embora também faça parte do repertório conhecido pelos falantes da língua alvo, não dispõe de um signo (palavra ou sinal) para representá-lo. Circunscrita a tudo isto, temos então uma situação bastante específica e que tem ocupado o centro das nossas atenções, qual seja a Ambiguidade Lexical (AL).

Tomando o fenômeno por foco, desde então, o trabalho de identificação de ocorrências de AL, tanto em Português quanto na Libras, palavras e sinais, respectivamente, segue em ritmo acentuado e dinâmico. De posse dos levantamentos já feitos, que incluem sentenças aleatórias escritas em língua portuguesa, extraídas de livros, jornais e revistas, bem como da internet, e suas traduções para a Libras, iniciamos a construção de um corpus paralelo, composto, de um lado, pelas sentenças em português e, de outro, as suas equivalentes na Libras, devidamente anotadas por meio do estabelecimento das correspondências que se fazem as partes. Para assegurar não apenas a pertinência, mas também a adequabilidade das traduções, para as traduções para Libras, convidamos para fazerem parte do grupo de pesquisa como colaboradores/informantes, ouvintes e surdos, todos proficientes em Libras e com algum conhecimento do Português. Com a agregação destes colaboradores, temos conseguido produzir as traduções tanto representadas em glosas, quanto filmadas.

Pois bem, os resultados obtidos até o momento com as análises nos têm mostrado que, sim, os quatro tipos de divergências postuladas por Cruse (CROFT&CRUSE, 2004), acima mencionadas, de fato, se manifestam (BIDARRA&MARTINS, 2012). Os casos que, no entanto, nos parecem ser os mais complexos são aqueles enquadrados na categoria das divergências conceituais; de vez que a falta de um conceito, que existe em Português, na Libras é um episódio para o qual temos tido bastante dificuldades para resolver. Buscando encontrar soluções plausíveis para o problema, estamos aprofundando as nossas leituras, bem como as análises, para tanto levando em consideração não só os aspectos linguísticos envolvidos na questão, como também cognitivos.

Paralelamente a esta questão, também estão em fase de execução quatro outras pesquisas, não diretamente relacionadas à anteriormente mencionada, mas que, para o contexto da tradução, surgem como soluções complementares e absolutamente necessárias para os nossos propósitos, sobre as quais teceremos alguns comentários.

### **2.1 Os Elementos Referenciais no Processo Tradutório Português – Libras**

Em sua tese de doutorado (trabalho de pesquisa em andamento), minha orientanda, Leidiani da Silva Reis, vem desenvolvendo uma pesquisa na qual investiga os elementos referenciais, notadamente no âmbito da Libras. Nesta perspectiva, o estudo assim se desenvolve. Tomando por referência de base, Mondada&Dubois (2003), para os quais os objetos de discurso são construídos e desenvolvidos discursivamente, e, portanto, não devendo ser entendidos como se já estivessem prontos para uso e, além disso, como se fossem válidos para todos os sujeitos, na medida em que não são estáticos e não seguem uma norma, a autora traz para o seu campo de debate as pesquisas de Ciulla (2008), uma pesquisadora atual, cujas reflexões teóricas têm sido relevantes em relação à referenciação, na língua oral.

Muito em razão de não analisar um elemento referencial “específico”, mas, por considerar que o processo enunciativo envolve o conhecimento partilhado e a negociação entre falantes, a autora assevera que “os elementos referenciais, promovidos na malha discursiva, imbricam-se, de modo que não podemos interpretar completamente um sem ver o outro” (CIULLA, 2008, p. 42). Em tal perspectiva, propõe-se a analisar os três principais processos referenciais concomitantemente (vale lembrar que até então eram tratados sempre de modo isolado): anáfora, dêitico e introdução referencial. Sua proposta, aliada ao trabalho de Pizzuto et al. (2006), a partir de estudos realizados sobre as línguas de sinais francesa, americana e italiana, reúne os ingredientes necessários para aplicação direta à Libras, com resultados muito produtivos e altamente relevantes. Segundo estes últimos autores, quando se pensa em língua de sinais, é possível perceber algumas características específicas que garantem a progressão textual. Nestas línguas, os referentes são retomados, muitas vezes, de maneira anafórica no sentido de estabelecerem correferência com o seu antecedente; no entanto, essa anáfora é concebida por meio do apontamento.

Nota-se que, seguindo essa linha de raciocínio, Quadros&Karnopp (2004) corroboram que a função dêitica em línguas de sinais é marcada por meio da apontação, propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, por meio da apontação em diferentes locais, favorecendo assim a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais.

Para complementar os estudos, com base em pesquisas realizadas no Portal de periódicos da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)*, mais diretamente relacionado ao assunto, foi possível à aluna encontrar apenas dois trabalhos, uma Dissertação de Mestrado (BARBOSA, 2013) e uma Tese de Doutorado (LEAL, 2011). Das buscas realizadas tanto no portal da Scielo, quanto nas bases do CNPq, os resultados obtidos também não foram muitos, com destaque para os artigos de Prado&Oliveira (2013) e Almeida et al. (2010). No quadro abaixo, são ilustrados alguns exemplos dos resultados já obtidos:

Texto em Língua LP	Texto em Glosa-Libras	Análise em LP	Análise em Libras
<sup>1</sup> <i>Uma catástrofe</i> ameaça uma das últimas colônias de <sup>2</sup> <i>gorilas</i> da África. <sup>1</sup> <i>Uma epidemia</i> de Ebola já matou mais de 300 <sup>2</sup> <i>desses grandes macacos</i> .	<sup>1</sup> ACONTECIMENTO RUIM HORRÍVEL AMEAÇAR LUGAR RARO LUGAR PRÓPRIO <sup>2</sup> <b>GORILA</b> ONDE ÁFRICA. <sup>1</sup> DOENÇA ESPALHAR MUITO GERAL E-B-O-L-A JÁ 300 MAIS <sup>2</sup> <b>GORILA</b> MORRER.	<sup>1</sup> <b>Anáfora Especificadora:</b> hiperônimo/hipônimo.  <sup>2</sup> <b>Anáfora Especificadora:</b> hipônimo/hiperônimo.	<sup>1</sup> Anáfora especificadora concomitante à paráfrase anafórica.  <sup>2</sup> Anáfora por <i>REPETIÇÃO</i> do <i>núcleo</i> .
Não compre a xícara amarela. <sup>1</sup> O cabo está quebrado.	NÃO COMPRAR XÍCARA AMARELA. <sup>1</sup> CL ( <u>XÍCARA-ASA-XICARA-SOLTAR</u> ).	<sup>1</sup> <b>Anáfora Meronímica.</b>	<sup>1</sup> Dêitico-anafórico: Classificador (forma/tamanho/ação).
A roupa ficou mofada na gaveta. Elas precisam ser lavadas amanhã.	GAVETA AQUI TER <b>ROUPA</b> (MANCHA^PRETA = mofo). AMANHÃ PRECISAR <sup>1</sup> <b>LAVAR (CL)</b> .	<sup>1</sup> <b>Anáfora Pronominal.</b>	<sup>1</sup> Dêitico-anafórico: Classificador (ação: verbo).

Resumidamente, até o momento conseguimos observar na Libras as seguintes tipologias anafóricas: 1) Dêitico-anafórico, que, a seu turno, subdivide-se em (i) classe padrão, por meio de apontações manuais e visuais: direção de olhar, soletração e locação, e (ii) classe de complexas unidades manuais e não-manuais: estruturas altamente icônicas, representadas principalmente pelos classificadores; 2) Repetição; 3) Anáfora especificadora; e 4) Paráfrase anafórica. Estes resultados, embora parciais, têm nos levado a pensar que, talvez, por tratar-se de uma língua direcionada ao discurso, a combinação dêitico-anafórica seja uma estratégia linguística bastante recorrente e de fundamental importância na Libras, o que nos faz concordar com as postulações de Ciulla (2008). O dêitico-anafórico, aliás, tem se mostrado como o principal e mais expressivo mecanismo de coesão/coerência na Libras, em especial quando pensamos na classe de complexas unidades manuais e não-manuais. Com suas estruturas

icônicas, muitas das quais mediadas pelo uso de classificadores, a Libras coloca à disposição de seus falantes um conjunto expressivo de mecanismos de operações cognitivas, por meio dos quais os sinalizantes conseguem transferir sua concepção do mundo real para o mundo tridimensional do discurso sinalizado.

## **2.2 A Ordem dos Constituintes Sintáticos na formação de Sentenças em Libras**

Das muitas questões que ainda desafiam a comunidade científica a respeito de como a Libras realmente funciona, uma delas diz respeito à ordem dos constituintes na formação de suas sentenças. Tomando como ponto de partida referências bibliográficas publicadas no Brasil sobre o assunto – com ênfase nas obras de Ferreira Brito (1995) e Quadros&Karnop (2004), e internacionais (GREENBERG, 1963; LI&THOMPSON, 1976, HOPPER&THOMPSON, 1980, ABRAÇADO&KENEDY, 2014), a aluna Iara Mikal Holland Olizaroski, em seu mestrado, desenvolve sua pesquisa à luz de pressupostos teóricos defendidos pela linguística funcional.

Em relação Libras, não é apenas esta questão que se coloca como um problema sério. Contudo, o que se observa é que grande parte dos problemas suscitados na língua se deve à escassez de trabalhos descritivos que a ela se refiram. Disso decorre que as tentativas de discutir a língua de um ponto de vista gramatical tornam-se uma atividade extremamente delicada, com alto grau de complexidade. Em tais circunstâncias, Iara investiga e implementa um conjunto de análises morfossintáticas que possam lançar luz às muitas dúvidas que ainda pairam sobre assunto. Seu trabalho, de todos os que vêm sendo desenvolvidos no grupo, é seguramente aquele que dá sustentação teórica para o atendimento dos objetivos pretendidos pelo grupo, qual seja a especificação, modelagem e implementação de um tradutor bilíngue que possa dar vazão ao processamento linguístico requerido para o caso.

Por meio de um estudo criterioso, a aluna parte do conceito dos universais linguísticos propostos por Greenberg (1963), a partir dos quais postula a existência de 6 grandes grupos de língua naturais, assim identificadas: (i) as línguas que se estruturam a partir da ordem sintática do tipo Sujeito-Verbo-Objeto (SVO); (ii) línguas do grupo Sujeito-Objeto-Verbo (SOV); as línguas Verbo-Sujeito-Objeto (VSO); as línguas tipificadas como Verbo-Objeto-Sujeito (VOS); línguas Objeto-Sujeito-Verbo (OSV) e, por fim, aquelas as pertencentes ao grupo Objeto-Verbo-Sujeito (OVS). Ainda segundo Greenberg, a grande maioria das línguas, apesar de terem uma estrutura sintática predominante (estrutura canônica), podem suportar diversos tipos de variação, considerados os grupos antes explicitados.

Por suas características, o trabalho de Iara se enquadra na categoria de pesquisa básica e descritiva, uma vez que procura desenvolver uma fundamentação teórica que nos permita identificar quais categorias linguísticas estariam a serviço da Libras e, com isto, tentar determinar as circunstâncias em que os padrões admitidos pela língua tendem ocorrer. Com este objetivo, adotam-se como perspectivas metodológicas não apenas a revisão bibliográfica, bem como a pesquisa de campo, nesse último caso, importante não somente para as análises, mas também para o enriquecimento de um corpus paralelo que é também alvo de implementação por nossa equipe.

Das análises já realizadas, tomando por base apenas sentenças afirmativas e a Linguística Funcional, algumas conclusões já são passíveis de observação são a seguir exemplificadas:

- Sentenças classificadas como de baixa transitividade, contendo verbos de processo e de estado, não-direcionais ancorados ao corpo, tendem a manifestar o padrão SVO, conforme abaixo exemplificado.

IDADE ATÉ 3, ‘<J-Ú-N-I-O-R>’ ENTENDER TUDO. [verbo de processo]

<TODOS>md GOSTARof <IX>md/oe <PASSADO>mt CASA^ESTUDAR. [verbo de estado]

- Sentenças de alta transitividade, contendo verbos de ação-processo e ação, direcionais irreversíveis tendem se manifestar de acordo com os padrões SVO, OSV e SOV, exemplificados a seguir, respectivamente:

EU 1ENTREGAR2 CARTÃO MEU. [verbo de ação-processo]

<CHEQUE>t/oo NÓS JÁ 1ENTREGAR3 <IX>me PREFEITO. [verbo de ação-processo]

FILHO HORAoo 3PERGUNTAR3 <P-A-I>sr/me. [verbo de ação]

As análises conduzidas pela aluna estão em estágio intermediário de desenvolvimento (a nossa previsão para a defesa da dissertação é para o mês de dezembro de 2016 ou, no mais tardar, janeiro de 2017). Além de sentenças afirmativas, como as aqui citadas, análises realizadas sobre sentenças interrogativas e negativas na Libras encontram-se em curso. Os

resultados obtidos se mostram bastante promissores. Todavia, justamente por ainda estarem sob avaliação e revisão, achamos por bem não trazê-las para este debate. Acreditamos, no entanto, que em breve, novos resultados, mais concretos e consolidados, venham a ser objeto de uma nova apresentação pública.

Ainda que não conclusivamente, percebemos que a transitividade das sentenças vêm se mostrando muito produtiva na determinação gramatical no que se refere à ordenação dos constituintes sintáticos, sinalizando para os seguintes resultados: sentenças de baixa transitividade, sem marcas específicas como ENMs, tendem a apresentar o padrão SVO; enquanto aquelas com alta transitividade se distribuem, ora como na ordem SVO, OSV ou SOV, com marca da direção do olhar para o objeto da sentença quando esse se apresenta por meio de tópico ou anteposto ao verbo (ordens OSV e SOV, respectivamente)..

### **2.3 O papel dos Classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações**

Na morfologia das línguas de sinais, os chamados classificadores fazem parte do seu núcleo lexical (QUADROS&KARNOPP, 2004). São eles, por exemplo, os responsáveis pela formação de grande parte dos sinais disponíveis nessas línguas. Pelo fato de, muitas vezes, lembrarem alguns gestos que acompanham a fala, não raro os classificadores tendem ser confundidos, equivocadamente, com pantomimas ou simplesmente gestos. Todavia, bem diferentes destes, os classificadores trazem em sua composição características linguísticas peculiares, submetidas a regras de formação bem delimitadas.

Embora constituam uma parte importante no funcionamento gramatical das línguas de sinais, o fato é que, no caso da Libras, há muito poucos estudos sobre o assunto. Com base na literatura internacional, tem sido possível observar que, como unidade gramatical, os classificadores vão muito além do que poderíamos imaginar à primeira vista. O seu uso nas línguas de sinais, tais como discutidos no âmbito da ASL (American Sign Language), BSL (British Sign Language), SLN (Sign Language of the Netherlands) e da LSE (Línguas de Sinais Espanhola), essa última servindo de base para muitos de nossos estudos, dão conta de que a morfologia dos sinais englobando os classificadores, assim como acontece com as línguas orais, embora guardadas as devidas diferenças, é rica e bastante consistente de um ponto de vista linguístico teórico. Considerando, pois, a necessidade de compreender, no âmbito da Libras, o que são, como e quando os classificadores se manifestam, com a sua dissertação, Valdenir se propõe desenvolver um estudo investigativo que nos permita delimitar não apenas o papel que desempenham na Libras, mas também tentar estabelecer os contextos linguísticos em que os



classificadores e realizam. Para tanto, além de autores brasileiros, dentre os quais citando-se Ferreira Brito (1995), Felipe (2002), Quadros&Karnopp (2004), Bernardino (2012), também são trazidos para a discussão, autores tais como Supalla (1978), uma referência na área, Allan (1977), Emmorey&Herzig, 2003), dentre outros.

Dado, no entanto, tratar-se de uma pesquisa de cunho fortemente teórico metodológico, foge ao escopo do trabalho desenvolver análises quantitativas, mas antes qualitativas. Como tal, o conjunto de dados sendo trabalhados não será exaustivo. Ainda assim, a expectativa é que, a partir da coleta de sentenças originalmente escritas em Português e devidamente traduzidas para Libras, como resultado, sejamos ainda capazes de construir um corpus consistente útil para análises e trabalhos futuros em relação ao fenômeno. Assim como em outras pesquisas já citadas aqui, para a montagem desse corpus, será utilizado o ELAN (*EUDICO – Linguistic Annotator*) como ferramenta de auxílio para as transcrições dos dados a serem trabalhados.

## **2.4 Especificação e Modelagem das Estruturas e Organização para construção de um Dicionário Bilíngue**

Embora as pesquisas voltadas à lexicografia das línguas de sinais tenham avançado bastante, por meio de estudos realizados internacionalmente, especialmente sobre línguas estrangeiras, tais como a Americana (ASL - American Sign Language), a Inglesa (BSL – British Sign Language), Holandesa (SLN – Sign Language of the Netherlands) e Língua de Sinais Espanhola (LSE), apenas para citar algumas, no Brasil, em relação à Libras, as propostas são poucas e muito embrionárias, embora, mais recentemente, a área venha ganhando mais espaço e visibilidade, notadamente nas universidades. Com o objetivo de desenvolver um estudo que, no geral, possa contribuir com os debates que vêm sendo processados no meio acadêmico e, de modo particular, com vistas à especificação e modelagem de uma estrutura de representação lexical, a tese desenvolvida por Tania constitui a base necessária para a implementação de um dicionário bilíngue Português-Libras-Português pretendida pela nossa equipe. É certo que já existem alguns dicionários de Libras publicados no Brasil. Todavia, o que buscamos com essa pesquisa é um tipo de representação que propicie o acesso das pessoas, especialmente dos surdos, usuários da Libras como primeira língua, ao léxico de ambas as línguas, a partir de recursos que possam garantir a sua indexação de variadas maneiras.

De um ponto de vista teórico, pode-se definir um dicionário bilíngue como sendo um “dicionário multilíngue que registra as equivalências de significados em duas línguas” (MARTINEZ DE SOUZA, 1995). Porém, o fato é que ainda são muitas as controvérsias sobre o que, de fato, que poderia ser considerado, efetivamente, um dicionário bilíngue. Até mesmo

quando se trata de dicionários bilíngues envolvendo apenas línguas orais, falta consenso (cf. BIDERMAN, 1993; BORBA, 2003). Uma das maiores dificuldades tem sido decidir qual seria a melhor maneira de indexar uma entrada em tais dicionários. Considerando que um dicionário para ser dito bilíngue precisa dispor de recursos de acesso tanto numa quanto noutra língua, no caso de dicionários voltados para pessoas surdas, a questão que se levanta é: qual a estrutura e a organização desse dicionário, de modo garantir o acesso aos itens lexicais bilateralmente? Partindo-se dessa questão, com base em levantamentos que vêm sendo realizados sobre dicionários bilíngues com interface estabelecida entre línguas orais e línguas de sinais, a expectativa é que, ao final da pesquisa, tenha-se produzido um trabalho que possa atender aos requisitos aqui relacionados. Neste estudo, cabe mencionar, vem sendo dada maior atenção a estudos relacionados à representação mental aplicada aos signos linguísticos da Libras em dicionários de línguas de sinais.

Os registros dos primeiros sinais no Brasil e o florescimento da lexicografia no âmbito da Libras teve início em meados do século XIX em 1875, inaugurado pela obra de Flausino José da Gama, ex-aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje conhecido por INES. Nela, da Gama imprimiu o alfabeto manual e mais 382 sinais, dos quais 54 ainda fazem parte do atual léxico da Libras. Inspirado na obra de Pélissier (1856), Gama dividiu o dicionário em 13 categorias semânticas, a saber: alimentos, objetos de mesa; bebidas e objetos de mesa; objetos para escrever; objetos da aula; individualidade e profissões; pássaros, peixes e insetos; adjetivos; adjetivos – qualidades morais; pronomes e os três tempos absolutos do indicativo; verbos; advérbios; preposições; preposições e conjunções; interjeições e interrogações; sendo também por meio delas que os itens lexicais consultados são indexados. Em decorrência do Oralismo, de 1880 a aproximadamente 1970, portanto por quase um século, os registros e as pesquisas de sinais foram abandonados e ignorados, uma vez que não se permitia o uso de qualquer gesto, tanto por parte dos surdos quanto dos professores, prevalecendo somente as práticas de treinamento de fala. Em meados do século XX, no período de transição da Filosofia Oralista para a Comunicação Total, chega ao Brasil, oriundo dos Estados Unidos, padre Eugênio Oates (1969), que trazia em sua bagagem um trabalho reconhecido junto aos mais necessitados. No Brasil, dedicou-se ao ensino da catequese, de forma itinerante, de indivíduos surdos. Dado o seu trabalho, deu início às pesquisas dos sinais utilizados por diferentes pessoas surdas, tendo, no ano de 1969, publicado o primeiro manual intitulado *Linguagem das Mãos*. Nesta obra, encontram-se registrados 1.280 sinais, distribuídos em 15 capítulos, organizados com base em campos temáticos, mas as entradas indexadas por ordem alfabética, a partir de vocábulos do Português.

No século XX, foram produzidas e publicadas *oito* obras. Nelas, fizeram-se constar os sinais usados pelos surdos brasileiros, um segmento da sociedade que, à época, ainda bastante, marginalizado. Destas, *sete* voltaram-se para o registro de sinais religiosos e apenas *um* com objetivo pedagógico. Já no século XXI, principalmente a partir da oficialização da Libras (2002), muitos manuais e livros ilustrados surgiram, porém ainda com sinais organizados por índices remissivos em ordem alfabética do português. Em sua grande maioria, o material produzido destinava-se ao ensino da língua. Este mesmo período, com a disseminação dos computadores pessoais, também foi rico na produção de blogs, especialmente voltados para glossários de sinais terminológicos. Apesar, por assim dizer, de tamanha produção, atualmente, o dicionário mais conhecido e manipulado é o *Deit – Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais*, autoria de Capovilla&Raphael (2001). Resultado de uma grandiosa pesquisa envolvendo informantes surdos de várias organizações e professores surdos da FENEIS (Federação Nacional de Educação e integrações dos Surdos), este dicionário teve sua primeira edição impressa publicada em 2001. Apesar de seu relevante reconhecimento, assim como muitos outros, o Deit também organiza suas entradas lexicais com base na ordenação alfabética, o que, mais uma vez, faz de seu uso uma atividade bastante complicada para o surdo. O dicionário contém os sinais correspondentes a 9.500 verbetes do Inglês e Português; para cada sinal, é apresentada a sequência dos parâmetros necessárias para a sua realização, além de uma ilustração que permite ao consulente visualizar e reproduzir cada um deles. A seguir, é fornecido um quadro com as indicações das obras lexicográficas produzidas no Brasil, do século XIX aos dias atuais (as informações na tabela foram extraídas de Temoteo (2012, p. 19) e Douettes (2015, p. 85):

SÉCULO	ANO	AUTOR(ES)	OBRA	EDITORA
XIX	1975	Flausino José da Gama	<i>Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos.</i>	<i>Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – Rio de Janeiro, RJ.</i>
XX	1969	Eugênio Oates	<i>Linguagem das Mãos.</i>	<i>Gráfica Editora Livro S.A. - Rio de Janeiro, RJ.</i>
	1981	Peterson, John.	<i>Comunicação Total, 1º ed. do livro Comunicando com as Mãos.</i>	<i>Não consta editora. Campinas, SP.</i>
	1983	Harry Hoemann, Eugênio Oates e Shirley Hoemann	<i>Linguagem de Sinais do Brasil</i>	<i>Editora Pallotti – Porto Alegre, RS.</i>
	1984	Peterson J. e Ensminger	<i>Aprendendo a Comunicar</i>	<i>Não consta editora. Fortaleza, CE.</i>
	1987	Peterson J. e Ensminger	<i>Comunicando com as Mãos</i>	<i>Shekinah Editora e Gráfica Piracicaba, SP.</i>

	<b>1991</b>	Valdecir Menis e Salomão Dutra Lins	<i>Manual de Sinais bíblicos: O Clamor do Silêncio.</i>	<i>JMN - Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro, RJ.</i>
	<b>1992</b>	Testemunhas de Jeová	<i>Linguagem de Sinais.</i>	<i>Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados – Cesário Lange, SP.</i>
	<b>1998</b>	Fernando C. Capovilla, Walquíria D. Raphael e Elizeu C. Macedo.	<i>Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos.</i>	<i>Edipusp – São Paulo, SP.</i>
<b>XXI</b>	<b>2001</b>	Capovilla e Raphael	<i>Deit – Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. Vol. I e II.</i>	<i>Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP.</i>
	<b>2005</b>	Guilherme A. Lira e Tanya A. Felipe de Souza.	<i>Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais. Disponível on line.</i>	<i>Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – Rio de Janeiro, RJ.</i>
	<b>2012</b>	Fernando C. Capovilla, Walquíria D. Raphael e Aline C. L. Mauricio.	<i>Novo Deit-Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. 2º Ed. Revista e Ampliada. Vol. I e II. Dicionário do ProDeaf disponível na Web e como Aplicativo</i>	<i>Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP.</i>

As análises já realizadas nos dão pistas importantes sobre os caminhos a serem percorridos neste trabalho, sobre políticas mais adequadas para indexar as entradas do dicionário pretendido, tendo em vista o usuário surdo, a quem o produto se destina, prioritariamente. Até o momento, com base em depoimentos de consultentes surdos, observamos que os dicionários organizados por categorias semânticas são os que melhor atende as suas buscas.

Dentre os trabalhos científicos relacionados ao assunto, a tese de Faria do Nascimento (2009) é a que mais nos tem chamado a atenção. Em seu trabalho, o autor propõe um modelo de repertório lexicográfico e terminológico, embora ainda com o foco no desenvolvimento da LP como L2 para surdos falantes de Libras, mas já demonstrando preocupação com relação a uma forma diferenciada de indexação. A partir da ordenação paramétrica (por configurações de mãos), o autor prevê a possibilidade de as indexações também poderem ser feitas pela Libras. Sua proposta, no entanto, ainda contém muitas lacunas, motivo pelo qual ainda nos encontramos em processo de análise, para uma melhor compreensão. Com relação a nossa proposta, mesmo em fase de prospecção, alguns aspectos de natureza metodológica e operacional já se anunciam. Dentre eles, a decisão de que trabalharemos com um vocabulário controlado (conjunto de palavras supostamente mais usadas e/ou pesquisadas pelo consultente), a exemplo do que fora proposto por Mckee&Mckee (2012) (cf. McKEE&KENNEDY, 2006), quando da

implementação do *Wellington corpus* e que deu origem ao dicionário bilíngue eletrônico da Língua da Sinais da Nova Zelândia (NZSL), o qual se baseia na estruturação e organização de 7.222 tipos ou lemas, como os próprios autores se referem (<http://nzsl.vuw.ac.nz/>)

### **3. Considerações Gerais**

Não foi o nosso objetivo com este artigo aprofundar as muitas questões teóricas aqui arroladas. Antes, o que buscamos foi tão somente apresentar alguns estudos que vêm sendo desenvolvidos no interior do nosso grupo de pesquisas, o PORLIBRAS. Com isto em mente, além dos problemas oriundos com as ocorrências de ambiguidades lexicais, tanto na Libras quanto no Português, uma questão, aliás, ainda em aberto e muito pouco explorada pela comunidade científica brasileira, especialmente no que diz respeito à Libras, foram trazidos para o debate quatro outros problemas linguísticos, sendo 2 deles tratados ao nível de dissertação de Mestrado e 2 de Doutorado. Vimos que, com relação aos objetos de pesquisa de Mestrado, num deles, desenvolvido pela aluna Iara Mikal, inspirado-se nos universais linguísticos de Greenberg (1963), retoma-se, atualiza-se e aprofunda-se a questão da organização sintática das sentenças em Libras, para tanto tomando por referência teórica pressupostos caros à Linguística Funcional; enquanto, na segunda dissertação, Valdenir Pinheiro, partindo de Supalla (1978), investiga um dos temas mais controversos no âmbito dos estudos linguísticos relativos às línguas de sinais: os classificadores. Identificar as suas diferentes formas de manifestação nas línguas de uma maneira geral e mais especificamente na Libras, bem como analisar os impactos morfossintáticos e semânticos deles decorridos, têm sido, assim, os principais objetivos com este trabalho. Vimos ainda que, debruçando-se sobre os elementos referenciais (MONDADA&DUBOIS, 2003; QUADROS&KARNOPP, 2004; CIULLA, 2008; FERREIRA BRITO, 1995), em sua pesquisa de doutorado, Leidiani Silva se lança à identificação e análise do comportamento das anáforas na Libras, para as quais considera as características semântico-argumentativas, explorando uma das principais características presentes nas línguas de sinais, o fato de serem línguas voltadas ao discurso. A segunda pesquisa de doutorado, por seu turno, recém-iniciada por Tania Martins, promove, então, um levantamento detalhado de trabalhos publicados no Brasil e internacionalmente a respeito de léxicos em línguas de sinais, dentre eles, em primeiro plano as propostas veiculadas por Kristoffersen&Troelsgard (2012); pelo ID - Identificador de Sinais - grupo NALS/UFSC e pelo LexTerm/UNB), para, a partir disto, pensar e propor um modelo de dicionário bilíngue, com uma conformação específica e diferenciada, capaz de permitir não só os usuários ouvintes, como, aliás, tem sido em relação aos dicionários de Libras, mas fundamentalmente os surdos, o acesso as suas entradas por

mecanismos de buscas e indexação que os possam favorecer. Embora não fazendo parte do corpo do texto, dada a exiguidade de espaço, complementa estes trabalhos uma pesquisa realizada ao nível de Iniciação Científica. Nele, um aluno de graduação do curso de Ciência da Computação, Luiz Guilherme, estuda e desenvolve programas de computador, com vistas à automatização de alguns procedimentos que, em sua grande maioria, ainda são realizados manualmente pela nossa equipe, o que tem demandado muito tempo e pouca acurácia nos resultados obtidos. Temos clareza de que, embora relevantes, todos esses estudos apenas inauguram um trabalho linguístico descritivo dentro do nosso grupo. Por suas complexidades, é óbvio que muito mais precisaremos investir, em tempo, dedicação e muito estudo. Apesar disto, estamos certos de que os resultados esperados poderão demorar, mas já estão a caminho.

#### 4. Referências Bibliográficas

- ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (orgs.). **Transitividade traço a traço**. Niterói/RJ: Editora da UFF, 2014.
- ALLAN, K. **Classifiers**. *Language*, 53: 285-311, 1977.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. SP: Editora Ática, 2000.
- ALMEIDA, E.O.C.; FILASI, C.R. & ALMEIDA, L.C. **Coesão textual na escrita de um grupo de adultos surdos usuários da língua de sinais Brasileira**. *Revista CEFAC [online]*, vol.12, n.2, p. 216-222, 2010 (ISSN 1982-0216).
- BARBOSA, T.B. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (Libras)**. Dissertação (Mestrado). SP: USP, 2013.
- BERNARDINO, E.L.A. **O uso de Classificadores na Língua Brasileira de Sinais**. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.
- BIDARRA, J. & MARTINS, T.A. **O Problema da Ambiguidade Lexical para a Interpretação envolvendo a Língua Portuguesa e Libras**. In *Anais do SIELP*, vol. 2, n. 1. Uberlândia/MG: EDUFU, 2012.
- BIDERMAN, M.T.C. **A estrutura mental do léxico**. *Estudos de filologia e linguística*, SP: T.A.Q. / Edusp, 1993, p. 131-145.
- BORBA, F.S. **Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia**. SP: Ed. UNESP, 2003.
- CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará/Fortaleza, 2008.
- CROFT, W. & CRUSE, D.A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge University Press, 2004.
- DOUETTES, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2015.
- EMMOREY, K. & HERZIG, M. **Categorical Versus Gradient Properties of Classifier Constructions in ASL**. In: Karen Emmorey (Ed.) **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.
- FARIA DO NASCIMENTO, S.P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. PPGL/UNB. Brasília, 2009.

- FELIPE, Tanya. **Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero**. In: Congresso Internacional do INES, 2002, Rio de Janeiro. Anais do Congresso Internacional do INES, v. 1, 2002.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GREENBERG, J.H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. Stanford University. In: Joseph H. Greenberg (ed.), **Universals of Language**. London: MIT Press, 1963.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: **Language**, v. 56, n. 2, 1980.
- KRISTOFFERSEN, J.H.&TROELSGAAD, T. 2012. **The Electronic Lexicographical Treatment of Sign Languages: The Danish Sign Language Dictionary**. Granger, S. and M. Paquot (Eds.). 2012: 293- 315.
- LEAL, C.L. **Estratégias de referência da produção escrita de alunos surdos**. Tese de Doutorado. RJ: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.
- LI, C.N. & THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In Charles N. Li (Ed), **Subject and Topic** (pp.457-461). Austin: University of Texas Press, 1976.
- MARTÍNEZ DE SOUZA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- McKEE, R.L. & McKEE, D. **Making an Online Dictionary of New Zealand Sign Language**. International Conference of the African Association for Lexicography (AFRILEX), Petroria/South of Africa: University of Pretoria, 2–5 July 2012.
- McKEE, D & KENNEDY, G. **The distribution of signs in New Zealand Sign Language**. *Sign Language Studies* 6(4), 372–390, 2006.
- MONDADA, L.& DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referênciação**. SP: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).
- OATES, E. **Language of hands**. Tradução: Linguagem das mãos. Editora: Colted, 1969.
- PÉLISSIER, P. **L'enseignement primaire des sourds-muets mis à la portée de tout Le monde avec une iconographie des signes**, Paris, France: Dupont, 1856
- PIZZUTO, E.; ROSSINI, P; SALLANDRE, M. & WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa (Orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais**. Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006.
- PRADO, L.C.&OLIVEIRA, A.S.C.L. Aspectos gramaticais dos elementos localizadores em libras. In: X Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista-BA. **Anais do X Colóquio do Museu Pedagógico**, 2013. (Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3272/2974>. Acesso em 08 de dezembro de 2015).
- QUADROS, R.M.&KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- TEMOTEO, J.G. **Lexicografia da língua de sinais brasileira do Nordeste**. Tese de Doutorado, SP:IPUSP, 2012.
- SUPALLA, T. Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. In F. Caccamise (ed.), **Proceedings of the Second National Symposium on Sign Language Research and Teaching**. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1978.